



## Trabalho 477

### A ABORDAGEM DO PROCESSO DE MORTE E MORRER PELOS DOCENTES DE ENFERMAGEM

Danieli Bandeira<sup>1</sup>; Silvana Bastos Cogo<sup>2</sup>

**INTRODUÇÃO:** O processo de morte/morrer vem sendo discutido, analisado e vivenciado de maneiras diversas no decorrer da história por diferentes áreas do conhecimento. Porém, a área da saúde é a que possui maior contato com a temática e, por isso, necessita de atenção especial. Da mesma maneira que a sociedade lida com a morte na tentativa de excluí-la do cotidiano, os profissionais da saúde, principalmente os da enfermagem, também utilizam esse subterfúgio. Apesar das relações enfermeiro/paciente e enfermeiro/familiar serem uma constante no cotidiano desses profissionais, os cursos de graduação oferecem poucos espaços para trabalhar com a morte/morrer e com as emoções e sentimentos que estas relações com os doentes e seus familiares provocam<sup>1</sup>. Logo, essa temática, na maioria das vezes, é pouco discutida, acarretando em um trabalho prático quase sempre desqualificado. Neste sentido, o trabalho durante a formação acadêmica sobre a morte é imprescindível, para que haja profissionais preparados ao lidar com o assunto e aptos a trabalhar com a humanização do cuidado. **OBJETIVO:** O presente estudo objetiva conhecer a abordagem do processo de morte e morrer pelos docentes de enfermagem. **DESCRIÇÃO METODOLÓGICA:** Trata-se de um estudo descritivo e encontra-se estruturado a partir de uma pesquisa qualitativa. A população em estudo foi escolhida conforme amostra intencional, e constitui-se de dez docentes vinculados a um curso de graduação em Enfermagem de uma universidade pública, localizada em um município da região norte do Estado do Rio Grande do Sul. O processo de coleta de dados deu-se por meio de entrevista semi-estruturada<sup>2</sup>, que serviu de eixo orientador ao desenvolvimento da pesquisa. Trabalhou-se com os dados por meio da análise temática<sup>2</sup>, que foi constituída de três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Esta pesquisa obteve aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria (parecer n. 0056024300011) e seguiu os preceitos éticos determinados pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde<sup>3</sup>, que incluem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o arquivamento das transcrições das entrevistas por um período de cinco anos. **RESULTADOS:** A partir dos dados adquiridos nesta pesquisa, constata-se que a graduação oferece pouco preparo necessário para que os acadêmicos realizem os cuidados frente à morte/morrer. Estudos sobre a temática afirmam que o despreparo em lidar com tal fenômeno é atribuída, muitas vezes, à formação acadêmica, e ressaltam ainda que a graduação continua a não preparar os profissionais para vivenciarem o processo<sup>4</sup>. A fragilidade da abordagem da morte/morrer e até mesmo ausência de preparo dos profissionais para o seu enfrentamento, evidencia-se nas falas dos entrevistados. Os depoimentos revelam uma carência na educação que é infundida aos profissionais de enfermagem, no que diz respeito ao preparo dos acadêmicos para vivenciar o processo de morte/morrer. As entrevistas evidenciam poucos momentos na graduação destinados ao trabalho com essa temática que, na maioria das vezes, é abordada em campo prático, sem subsídios teóricos para tal enfrentamento. Esse fato pode ser atribuído à própria negação dos sentimentos pelo docente, a prevalências de ações técnicas em detrimento de um cuidado humanizado, não só em relação ao paciente e seus familiares, mas também aos acadêmicos

<sup>1</sup>Enfermeira. Residente do Programa de Residência Multiprofissional Integrada em Sistema Público de Saúde da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Santa Maria. Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: danielibandeira22@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Enfermagem. Doutoranda em Enfermagem (FURG), Professora Assistente do Departamento de Ciências da Saúde do CESNORS/UFSM - Campus de Palmeira das Missões. Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: silvanabastoscogo@yahoo.com.br.



## Trabalho 477

envolvidos. Nesse sentido, cabe o seguinte questionamento: será que a abordagem da temática apenas em campo prático é o suficiente para preparar os acadêmicos para o enfrentamento da morte/morrer? Sabe-se que ao proporcionar ao acadêmico um esclarecimento sobre o que realmente é a morte, o docente enriquece o conhecimento do acadêmico acerca de tal processo, logo, é fundamental que cada docente realize momentos de reflexão e supervisão após as primeiras experiências dos alunos com a morte, para que estes se sintam mais seguros e preparados para conviver futuramente com tal ocorrência<sup>4</sup>. Apesar disso, o que os depoimentos evidenciam é uma reprodução da ausência da discussão da temática pelos docentes, ou seja, da mesma maneira que o docente não teve em sua graduação uma abordagem qualificada sobre a temática, enquanto docente ele também reproduz essa ausência de abordagem. Pensa-se que a não abordagem da temática deve-se as dificuldades enfrentadas pelos docentes em trabalhar com essa questão, dificuldades estas que muitas vezes são advindas do despreparo profissional para o trabalho com a morte/morrer. Os depoimentos dos entrevistados revelam estas dificuldades, assim como, as dificuldades dos acadêmicos de enfermagem em lidar com o processo de morte/morrer que são percebidas e relatadas pelos docentes. A pesquisa evidenciou que ao mesmo tempo em que há o reconhecimento por parte dos docentes da deficiente abordagem da temática morte/morrer nos currículos de enfermagem, bem como da carência que os acadêmicos de enfermagem possuem ao se envolverem em situações de morte iminente, a maioria deles relata não abordar a temática, tendo como justificativa o excessivo conteúdo programático em detrimento da carga horária da disciplina, o esquecimento da temática, ou até por considerar a temática como de responsabilidade de algumas disciplinas específicas da enfermagem. A partir disso, pode-se questionar: será que as disciplinas devem ser distribuídas de maneira tal, que não haja a interdisciplinaridade necessária para uma elaboração mais consistente e coesa da temática? Para que os acadêmicos tenham subsídios para o exercício de suas atividades, que os habilitem gradativamente para as situações de morte, é fundamental que se estabeleça o compromisso de trabalhar a temática de modo transdisciplinar<sup>5</sup>. Desse modo, ressalta-se a importância, do processo de morte e morrer estar sendo abordado constantemente, não apenas em uma disciplina específica, mas ao longo da graduação, para que se consiga estabelecer uma discussão mais ampla e concisa frente à temática. **CONCLUSÃO:** A pesquisa aponta certa fragmentação na abordagem da temática no decorrer da graduação em enfermagem, não apresentando um espaço para a discussão das vivências e implicações que o evento morte suscita nos acadêmicos. Acredita-se no papel da academia para habilitar o acadêmico de modo que este seja capaz de estabelecer relações interpessoais de ajuda aos pacientes fora de possibilidade terapêutica de cura e aos seus familiares. Para tanto, faz-se necessária, a criação de espaços para discussões e reflexões, que possam levar o acadêmico a adquirir uma compreensão mais clara a respeito da morte. **CONTRIBUIÇÕES:** Ressalta-se a importância da inclusão da temática nos currículos dos cursos de formação de profissionais de enfermagem, bem como a inserção do tema nas instituições hospitalares, por meio da educação permanente, buscando estratégias que promovam mudanças na postura dos profissionais junto ao paciente fora de possibilidade terapêutica de cura.

## REFERÊNCIAS

- 1 Kovács MJ. Educação para a Morte: Desafio na Formação de Profissionais de Saúde e Educação. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo: Fapesp, 2003.
- 2 Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 10ª ed. São Paulo: Hucitec; 2007.



## **Trabalho 477**

3 Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Resolução n. 196, de 10 de outubro de 1996. Brasília; 1996.

4 Bernieri J, Hirdes A. . O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo de morte-morrer. Texto Contexto Enfermagem. 2007; 16 (1).

5 Oliveira WIA, Amorin RC. A morte e o morrer no processo de formação do enfermeiro. Revista Gaúcha Enfermagem. 2008; 29 (2).

Descritores: Enfermagem; Morte; Docentes de Enfermagem.

EIXO II – Interfaces da enfermagem com práticas profissionais e populares de cuidado em saúde.